

## A CONTRIBUIÇÃO DA IMPRENSA NA REVISITAÇÃO DA OBRA DE BERNARDO GUIMARÃES

Ednaldo Cândido Moreira Gomes (UNICAMP/CNPq)<sup>1</sup>

### Introdução

O presente artigo visa cumprir três objetivos: a) apresentar as linhas gerais de uma parcela dos ensaios de Bernardo Guimarães (1825-1884) publicados no jornal **Atualidade (1859-1864)** do Rio de Janeiro; b) propor um viés de leitura a ser desenvolvido em trabalho de maior fôlego; c) verificar a hipótese de Waltensir Dutra e Fausto Cunha (1956, p.54), qual seja: a necessidade de julgar a obra de Bernardo Guimarães à luz de sua crítica.

Em princípio, este texto deve esclarecer alguns pontos. O primeiro deles diz respeito ao trabalho de pesquisa. Este é um texto desmembrado de um dos capítulos da dissertação de mestrado defendida em julho de 2007.

A dissertação versava sobre as sutilezas e sobre as mordacidades da poética irônica de Bernardo Guimarães. Durante a atividade analítica da dissertação, destacou-se a necessidade de desenvolver uma reflexão acerca da atividade ensaística do autor; tema importante, recorrentemente citado e pouco estudado.

A maior dificuldade imposta aos interessados nos ensaios de Bernardo Guimarães está centrada no anonimato da quase totalidade dos textos. Isso evidencia a necessidade de uma abordagem estilística de identificação e de catalogação. Trabalho demorado e exigente. No momento, a opção seguida diz respeito à catalogação dos textos publicados entre 1859 e 1860, prioritariamente, aos textos publicados na seção: *Parte Literária*.

Por informação do biógrafo Basílio de Magalhães a seção *Parte literária* era unicamente escrita por Bernardo Guimarães. Contudo, ainda, em outras seções do jornal podem existir alguns textos que, provavelmente, foram redigidos com a contribuição da pena do escritor mineiro<sup>2</sup>.

Portanto, primeiro, traçaremos as linhas gerais de uma pequena parcela dos textos unanimemente atribuídos a Bernardo Guimarães. Num segundo momento, especificamente, num outro texto, desenvolveremos uma leitura individual de cada ensaio<sup>3</sup>.

### 1. Bernardo Guimarães, ensaísta<sup>4</sup>.

Em 1956, Waltensir Dutra e Fausto Cunha lançaram a hipótese de que a obra literária de Bernardo Guimarães deveria ser julgada à luz de sua crítica, e não à luz do horizonte de expectativas do leitor médio oitocentista, como havia preconizado João Alphonsus<sup>5</sup>:

---

<sup>1</sup> Destaca-se que o presente trabalho foi desenvolvido com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

<sup>2</sup> Os redatores do jornal foram Flávio Farnese, Lafaiete Rodrigues Pereira, Bernardo Joaquim da Silva Guimarães.

<sup>3</sup> A respeito da crítica literária de Bernardo Guimarães já publicamos dois artigos. O primeiro foi publicado nos Anais do 11º Congresso Internacional da ABRALIC; o segundo, a sair pelos anais do III Simpósio – Literatura, Crítica, Cultura – Interfaces da UFJF. Os dois textos pretendiam apresentar a crítica literária de Bernardo Guimarães e procuraram enfatizar alguns dos conceitos ali circunscritos. Neste pretenderei apresentar um viés de leitura novo para os ensaios, o que ocasiona numa mudança paradigmática importante, qual seja: a importância de estudar a obra ensaística de Bernardo Guimarães em comparação aos estudos de literatura do grupo de Antonio Feliciano de Castilho; a meu ver, o autor português influenciou Bernardo Guimarães a defender a idéia de que o cânone literário deveria ser guiado pela língua, e não somente pelo Estado nação.

<sup>4</sup> A designação de ensaísta segue a conceituação de Alexandre Eulálio para o gênero ensaio: [...] “o ensaio crítico enquanto discussão estética do fato literário, sob a forma de estudos, análises, notícias, resenhas, recensões”. (EULÁLIO, 1992, p. 12).

<sup>5</sup> Texto publicado também em 1970 no **Suplemento Literário** de Minas Gerais.

[...] do hábito de contar oralmente é que provieram sua vida despreocupada, os defeitos de sua obra. A extrema simplicidade de estilo [...] O fundador da nossa literatura sertanista possui, a seu favor, a espontaneidade e a despreocupação do narrador oral, ao gosto dos ouvintes. E desejando apenas isso, foi uma voz que, no centro da província de Minas, logrou uma larga, duradoura repercussão na sensibilidade do leitor comum. (JOÃO ALPHONSUS *apud* GUIMARAENS FILHO, 1976, p. 12).

Conscientemente, ou não, a citação anterior e a assertiva dos estudiosos apresentam a dualidade marcante dos leitores críticos da obra de Bernardo Guimarães. A justificativa de João Alphonsus e a hipótese de Waltensir Dutra e Fausto Cunha atualizam a problemática principal: o pouco labor estilístico de seus textos seria resultado de um descuido? Ou, em termos específicos, seria resultado de uma ausência de consciência estética? Ou, antes, seria um catecismo seguido ao longo da carreira literária?

Até aqui podemos inferir: qualquer perspectiva apresentada se desfaz face ao irregular e heterogêneo (do ponto de vista cronológico) estro literário de Bernardo Guimarães.

A minha hipótese, portanto, segue o caminho do meio. Um meio-termo aristotélico, diga-se desde já, próximo de algumas das definições de Antonio Feliciano de Castilho em Portugal do século XIX. A meu ver, é preciso investigar a proximidade existente entre a heterogênea produção literária de Bernardo Guimarães e àquela apresentada em Portugal pelo grupo de Castilho. É este, talvez, o ponto de partida para melhor compreendermos a produção literária de Bernardo Guimarães: sua prosa, sua poesia e sua atividade crítica. Por exemplo: Como explicar a defesa do conhecimento dos clássicos latinos e dos clássicos da língua? Da rigidez exigida quanto ao conhecimento da tradição do idioma e a desconfiança em relação aos galicismos? Ou, ainda, precisamente no caso de Bernardo, como compreender a resistência ao grupo fluminense de Gonçalves de Magalhães? Seria uma forma de valorizar a produção literária provinciana? Como poderíamos explicar tal produção estilisticamente irregular em conjunto? Uma poesia de feitio neoclássico – com o acompanhamento de uma poesia satírica – e uma prosa de teor descritivo retórico de formatação folhetinesca? São essas e outras questões que procuraremos responder em nosso projeto de edição crítica dos textos de Bernardo Guimarães.

Por ora, nos limitaremos a comentar a hipótese de Waltensir Dutra e Fausto Cunha, de que a unidade evolutiva do romance no Brasil não se concretizara pela incoerência existente entre o Bernardo Guimarães *crítico literário* e o Bernardo Guimarães *romancista*.

A afirmação é parcialmente verdadeira, pois, para Bernardo Guimarães a atividade crítica deveria pleitear a neutralidade; enquanto a produção literária versaria sobre o equilíbrio entre a imaginação do gênio e o rigor retórico da descrição paisagística. Em outras palavras, cabia ao escritor saber equilibrar a retórica descritiva da paisagem ao gênero pretendido. O grau de perfeição da obra estaria nesse equilíbrio, um equilíbrio que possuiria fins e meios distintos para a prosa e para a poesia.

Enfim, a hipótese se esvazia uma vez que a atividade de crítico não poderia condizer com a atividade de escritor de romances; talvez, poderia se adequar ao Bernardo Guimarães escritor de poesia. Assim sendo, exigir do escritor de romances a mesma perspicácia construtiva do ato crítico é, no mínimo, exigir de um heterogêneo uma falsa uniformidade; ou exigir de um gênero, o ensaio, a imaginação concernente apenas ao fazer literário.

Se analisarmos uma pequena parcela da crítica literária atribuída a Bernardo Guimarães, como preconiza Waltensir Dutra e Fausto Cunha, chegaremos à conclusão de que realmente o escritor tinha uma perspectiva própria diante da literatura, à qual era, em parte, fiel a sua produção. Por ora, portanto, só podemos adiantar que a literatura de Bernardo Guimarães pode ser compreendida num plano tripartido: 1) A partir de uma perspectiva de diálogo com a tradição literária da língua, destarte, luso-brasileira. 2) A defesa da tradição retórico-poética, nos moldes apresentados por (SOUZA, 1999, p. 5). 3) Quanto a uma resistência à importação acrítica do modelo literário francês, visto como estética cética e de pouca valia para o desenvolvimento da literatura brasileira.

Como veremos, o pensamento crítico de Bernardo Guimarães pretendia defender uma abordagem analítica impessoal, livre de amarra conceitual e afastada do tom apologético corrente no século XIX.

## 2. A crítica

A tradição historiográfica das ideias literárias no Brasil nos ensina que os primórdios da crítica literária são as contribuições esporádicas em verso do período arcade. Esse panorama se mantém até meados

do século XIX, quando o processo de institucionalização da literatura ligou-se ao processo de independência política.

Um dos representantes da nascente crítica literária romântica foi Santiago Nunes Ribeiro. No ensaio intitulado **Da nacionalidade da literatura brasileira**, escrito em 1843 e publicado na revista **Minerva Brasileira**, o crítico retoma os argumentos recorrentes da originalidade literária e defende que as literaturas são relativas ao meio e à época; o que permitiu estabelecer uma tradição literária e incorporar o arcadismo e seus trejeitos universais ao gênio individual da criação romântica (CANDIDO, 2002, p. 39).

Segundo informação de Ubiratan Machado, em 1844, Dutra e Mello foi quem primeiro analisou uma obra recém-publicada. Dez anos depois, nas páginas do **Correio Mercantil**, Manuel Antonio de Almeida inaugurava uma crítica militante, cuja peculiaridade principal residiria na utilização da ironia para menosprezar as publicações que desaprovasse (MACHADO, 2001, p. 231).

Nesse período, quase todos os escritores se envolveram em polêmicas incentivadas pelas divergências ideológicas; sendo a mais famosa delas, aquela promulgada por Alencar contra **A Confederação dos Tamoios**, de Gonçalves de Magalhães.

Em 1859, na imprensa liberal de **A Atualidade**, Bernardo Guimarães desfilava todo o seu conhecimento crítico para *esculhambar*, nas palavras de seu biógrafo Basílio de Magalhães, alguns dos consagrados autores nacionais. Para uma sistematização mais precisa dos ensaios críticos de Bernardo Guimarães, torna-se necessário tecer comentário sobre um texto escrito em São Paulo e publicado entre os anos de 1847 e 1850; portanto, durante os tempos de sua vida acadêmica: trata-se de **Reflexões sobre a poesia brasileira**, publicado nas páginas dos **Ensaio Literários**.

**Reflexões sobre a poesia brasileira** é um ensaio importante e polêmico, pois permite interpretá-lo como síntese constitutiva do pensamento crítico de Bernardo Guimarães. Ora esse ensaio é uma investida contra o ostracismo das letras nacionais influenciadas pela poética francesa e pelo grupo de Gonçalves de Magalhães; ora é um manual estilístico que aponta os possíveis caminhos a serem trilhados pelos poetas brasileiros. A estrutura do texto é dividida em quatro partes publicadas em datas distintas entre os anos de 1847 e 1850. A peculiaridade desse ensaio em relação aos outros textos críticos de Bernardo Guimarães é a permanência de uma linguagem ríspida, recurso retórico comum para um bacharel oitocentista; tal estilo difere daquele modo irônico dos prólogos, prefácios e de alguns textos do jornal **A Atualidade**.

Bernardo Guimarães inicia o ensaio afirmando que a poesia não é mero refúgio para as almas ociosas; ela exerce também uma função social com princípios civilizadores no desenvolvimento da humanidade. As máximas sociais seriam mais bem popularizadas pela voz da poesia, ao contrário do tom austero da filosofia que afasta e prejudica o entendimento dos leigos. Tudo isso nos incita a compreendermos a opção de Bernardo Guimarães por uma linguagem mais *espontânea* na produção dos romances; assim, em sua produção ficcional podemos observar uma preocupação com a democratização do acesso ao saber artístico. A opção estilística facilitaria o entendimento – *recepção* – de pessoas não alfabetizadas; ou seja, a opção de Bernardo Guimarães por uma hibridização lingüística facilitaria a recepção oral do texto literário. Com tudo isso, Bernardo Guimarães compreendia o saber literário como sendo um importante fator de distinção social e, por sua vez, defendia a vinculação da poesia à defesa das tradições culturais. Para o nosso autor, no princípio de qualquer nação tudo seria poesia, daí as referências ao caráter inicial da nação americana como elemento favorável ao aparecimento da arte poética. Já a Europa estaria naquele momento próximo da filosofia, do saber cético estagnado pela não criatividade:

O Brasil está na quadra em que a poesia é a propriedade do povo, e manifesta-se por si mesma, e de mais muitas outras circunstâncias concorrem para torná-lo um povo eminentemente poético: a doce temperatura do clima, a profusão de belezas naturais de que o colmou a natureza, a fertilidade e abundância que fornecendo ao Brasileiro os meios de uma subsistência fácil deixa-lhe ócio bastante para entregar-se às delícias da contemplação, e aos delírios do fantasiar, um passado cheio de recordações grandiosas e belas tradições, tudo deveria dar ao espírito nacional uma direção toda poética; e em verdade assim é; o Brasileiro possui em grão eminente todas as faculdades poéticas; é dotado de uma imaginação ferosa e brilhante e de uma sensibilidade profunda e concentrada que revestindo-o de uma certa indolência exterior o aproxima do caráter oriental. (GUIMARÃES, 2006, p. 151).

Na continuação do texto, o crítico ressalta que o improdutivo modelo poético francês, cuja temática estava próxima da sisudez filosófica, foi trazido para as letras pátrias através da publicação dos **Suspiros**

**poéticos e saudades**, de Gonçalves de Magalhães. No Brasil, o salto temporal de um classicismo português para um romantismo francês impediu o desenvolvimento de uma originalidade nacional; por conseguinte, o nosso servilismo constituiu refúgio para os espíritos estéreis e medíocres; contudo, para o estudioso mineiro haveria duas possíveis saídas para a fertilização da inspiração nacional: o nosso passado – a raça extinta – e o nosso presente – a raça dominadora. A história, as tradições, os usos e costumes *bárbaros* das tribos brasileiras, e os conflitos com os europeus deveriam compor os tesouros da poesia e dos dramas nacionais; assim, as artes arrancariam do ouvido popular essas histórias, consagrando-as com a publicação impressa. Com relação ao momento que lhe é contemporâneo, Bernardo Guimarães propõe um retorno à forma dos clássicos portugueses, com exclusão da mitologia grega, para assim pintar a época em que vivia com trejeitos de fidedignidade. Por consequência, essa atitude resumiria boa parte das concepções do poeta: seguir um passado de tradições populares e exprimir a contemporaneidade de maneira romanesca. Não obstante, Bernardo Guimarães coloca em evidência uma de suas pressuposições estéticas principais: a importância da descentralização da produção artística. Em sua ótica, uma literatura só seria genuinamente nacional quando ocorresse à difusão das luzes da civilização pelas províncias, o que aumentaria o público leitor e permitiria o surgimento de novas inspirações.

A maior participação das províncias nas artes nacionais permitiria o surgimento de uma literatura amplamente diversificada, tanto no conteúdo, quanto na forma:

Provavelmente ela não será uniforme, e apresentará tantas variações quanta é a diversidade de nosso clima e solo: o caráter dos povos das campinas abertas do Sul divergirá essencialmente dos habitantes das nimbosas e auríferas serranias de Minas, e dos filhos das gigantescas e majestosas florestas do Pará. (GUIMARÃES, 2006. p. 161).

Obviamente, essa literatura heterogênea não poderia sair dos gabinetes, mas de um contato natural com a realidade provinciana; o que quer dizer que não bastava ao escritor ler os cronistas viajantes e reproduzir os tempos antigos; antes deveria procurar inspiração nos pensamentos e nas recordações dos antepassados, cuja fonte seria a tradição oral, muitas das vezes observada pela experiência própria, não livresca.

Até aqui verificamos que Bernardo Guimarães é coerente num posicionamento contrário à centralização do saber literário na Corte fluminense. Sua crítica e sua lírica clandestina, desmoralizadoras do romantismo lacrimajante, reforçam sua consciência criativa em prol da democratização do acesso aos bens culturais. Para que isso ocorresse, a liberdade de composição romântica deveria ser adaptada ao meio literário brasileiro e à realidade provinciana; isto é, Bernardo Guimarães preconizaria uma literatura heterogênea; marca estilística principal contrária a qualquer tentativa de uniformização, seja ela para a produção em prosa, ou para a produção em poesia.

Tal atitude representaria uma contribuição para o surgimento de uma literatura diversificada na temática – urbana/rural, corte/província. Se estivermos corretos, Bernardo Guimarães não possuindo aspirações políticas na Corte, procurou se afastar dos tons apologéticos vigentes e se aproximou de uma visão mais “neutra”, ou seja, mais distanciada de amarras conceituais próprias de um grupo acadêmico. Tudo isso lhe possibilitou marcar época nas páginas do jornal liberal **A Atualidade**, órgão impresso por Flávio Farnese, Lafaiete Rodrigues Pereira e o próprio poeta.

O que se pode destacar, ainda, desse primeiro texto de Bernardo Guimarães publicado em São Paulo, é a perspectiva de que a época mercantil contribuiria para uma uniformização cultural das nações, o que teria como marca da diversidade apenas a língua; ou seja, era preciso valorizar a diversidade lingüística e cultural antes que a total uniformização apagassem num Estado a centelha da literatura *original*. Obviamente, que o horizonte crítico previsto por Bernardo seria o horizonte cultural francês; cético, como afirmava, e de pouco valor para o espírito jovem, portanto, imaginativo, do povo brasileiro.

Ubiratan Machado (2001) atesta que o artigo de estréia de Bernardo Guimarães seria **Os varões ilustres do Brasil do Sr. Pereira da Silva**, uma resenha que traz a peculiaridade de ser um dos poucos textos que não abordam como tema a poesia brasileira. Já Boechat (2004) confirma a autoria dos principais artigos sobre Padre Correia, Gonçalves Dias, Junqueira Freire e Macedo – nessa ordem – e atribui ao poeta mineiro a confecção de mais um, intitulado **Revista Literária**, datado em 01 de outubro de 1859. Esse texto ocupa uma posição curiosa, pois seria posterior ao polêmico ensaio sobre o Padre Correia, de julho de 1859.

Em nossa pesquisa, conferimos a autoria de outros textos importantes; para confirmar nossa hipótese nos baseamos em Basílio de Magalhães (1926) e nos próprios editores do **A Atualidade**. Atesta o primeiro que:

Sei, entretanto, que muitos editoriais políticos da “Atualidade”, tidos como oriundos das penas de Flávio Farnese ou da de Lafayette Rodrigues Pereira, eram realmente da do autor de **Cantos da Solidão**. O insigne jurista e conspícuo estadista, que depois presidiu o Gabinete de 24 de maio de 1883, confessou a amigos, em palestra, depois da morte do escritor ouro-pretano, que não hesitaria em recorrer muitas vezes, a este, para a elaboração de artigos de grande responsabilidade partidária e que foram estampados nas colunas daquele órgão liberal. E, não obstante a frieza com que (Lafayette) costumava julgar os homens, não vacilava em proclamar, com desusado calor de expressão: Bernardo Guimarães foi um gênio! Se se entregasse ao estudo, ao trabalho e a uma vida regular, teria assinalado a época em que existiu, porque o seu prodigioso talento tudo supria! (MAGALHÃES, 1926, p.40).

Assim, a atividade literária de Bernardo Guimarães parece-nos mais consistente e consciente com o conhecimento de sua crítica. O que chama atenção, num primeiro instante, é o tom desprezioso seguido de rigor analítico textual. Todos os exemplos são justificados pela descrição literária do problema, o que autentica uma preocupação minuciosa e sistemática. Outra característica comum é a erudição utilizada a partir de uma tradição conceitual, sobretudo, retórica e lusitana. São citados autores clássicos, principalmente, europeus. A fundamentação dos comentários confirma a opinião de Waltensir Dutra e Fausto Cunha: “estamos diante de um escritor que trazia na mão um ‘catecismo’ estético, pelo qual estudara impiedosamente alguns de seus coevos” (DUTRA e CUNHA, 1965, p. 55).

Busquemos agora, o *catecismo* estético contido no **A Atualidade**: a primeira crítica, publicada em 19 de fevereiro de 1859, comenta a benevolência com que foi recebida a primeira edição de **Plutarco brasileiro**; que, em nova impressão, passa a se chamar **Os varões ilustres do Brasil durante os tempos coloniais**.

Esse ensaio é interessante porque condiciona a *biografia* ao gênero retórico e literário, não se esquecendo de salientar a necessária fidedignidade histórica da empreitada. Para exemplificar o seu pensamento, Bernardo Guimarães diferencia estilo biográfico de escrita da história; além disso, entende que as recepções críticas favoráveis e benevolentes – costumeiras na imprensa – deveriam ser substituídas pela crítica imparcial decorrente do desenvolvimento das letras pátrias.

Para Bernardo Guimarães, essa recepção crítica apologética cumpria um papel social: favorecer o surgimento de novos textos. Entretanto, o crítico defende que a imprensa oitocentista deveria apontar com severidade os defeitos que qualquer publicação possuísse.

Hoje, porém, as circunstâncias são outras; o literato cresceu em nome e em ciência, a linguagem da imprensa, senão deve ser acerba, nem por isso deve deixar de ser severa e franca [...] O livro do Sr. Pereira da Silva tem de ser lido pela nossa mocidade, é destinado ao povo. É de mister pois submetê-lo a um estudo sério, sondar-lhe as perfeições, revelar com clareza seus defeitos, ver se o fim que o autor levou em mira foi tocado [...] Plutarco Brasileiro, ou Varões ilustres, a obra do Sr. Pereira da Silva não tentou um trabalho biográfico. Não pretendeu estudar os homens de que se ocupou sob um ponto de vista especial; descreveu o indivíduo em todo o círculo de sua atividade, tratou de sua vida inteira. Fez, pois, biografias. (GUIMARÃES, 1859, p. 2).

Sendo assim, *sondar* as perfeições e as imperfeições de qualquer obra e “ver se o fim que o autor levou em mira foi tocado” é uma reflexão comum aos manuais de retórica oitocentistas<sup>6</sup>. Primeiro, porque deduz existir uma *consciência criativa* por detrás de qualquer obra; segundo, porque estabelece um parâmetro diverso: o crítico na leitura do texto apontará os deslizes cometidos numa natureza estética – elementos internos – e histórica – diálogo com a tradição. Seguindo esse raciocínio, Bernardo Guimarães

<sup>6</sup> Ver MARTINS, Eduardo Vierira. *A Fonte Subterrânea: José de Alencar e a retórica oitocentista*, São Paulo, Edusp, 2005.

define primeiramente a filiação da obra estudada a um gênero existente, no caso a biografia, depois, verifica se o estilo e se o tema estão em consonância à verossimilhança apresentada pela obra.

A intenção do juízo imparcial, além de ser um objetivo comum aos pretendentes à crítica, em Bernardo Guimarães assinalaria a defesa de uma literatura livre de amarras temáticas, influências francesas e, também, de preconceitos geográficos, como o pouco valor às manifestações literárias provincianas.

Durante a investida crítica, Bernardo Guimarães executa etapas diferenciadas. A primeira etapa diz respeito à conceituação do gênero. Nesse momento, Bernardo cumpre uma gradação metodológica que pode ser assim resumida: o primeiro passo, como já dissemos, é a conceituação da obra analisada; o segundo momento pertence à historicidade do problema; vem depois, a análise mordaz com apontamentos literários na descrição de escolhas ineficientes; por fim, certas condolências com o criticado. Cumpridas as duas etapas analíticas, Bernardo aponta as minúcias do objeto analisado. Relaciona problemas de natureza descritiva às questões que envolvem leituras anacrônicas realizadas pelo autor:

Notamos em várias de suas biografias um defeito que nos pareceu bem grave. Muitas vezes vai buscar explicação do procedimento do homem, cuja vida escreve, em idéias que não vogavam na era à que se refere. É um erro bem deplorável querer achar na ordem de idéias de uma época, explicação de fatos de outras eras. (GUIMARÃES, 1859, p.3).

Outro ponto de vista destacado por Bernardo Guimarães diz respeito aos excessos cometidos por Pereira da Silva na confecção da obra: todos os biografados, sem exceção, teriam levado uma vida de dedicação e apreço pela pátria, ou seja, uma biografia forjada em gabinete:

Quantos varões ilustres encontra a pena do Sr. Pereira da Silva, tantos gênios nas letras, artes, política, nas ciências divinas e humanas. Os maiores homens dos outros países ofuscam-se ante os nossos homens ilustres. (GUIMARÃES, 1859, p.3).

Finaliza Bernardo Guimarães com uma avaliação positiva. Após seguir uma escala analítica, conclui que os defeitos da obra não lhe impedem de considerá-la um belo livro, que deve influenciar a geração vindoura e inspirar o gosto pelas nossas causas, nossos costumes e nossos poetas.

Noutro texto, intitulado **Revista Literária**, publicado em 01 de outubro de 1859, Bernardo Guimarães aponta alguns dos pressupostos que deveriam nortear o trabalho da crítica. Esse estudo possui uma data curiosa, porque é posterior ao polêmico ensaio sobre o Padre Correia, impresso em julho e agosto de 1859.

Os debates suscitados talvez tenham motivado Bernardo Guimarães a publicar esse pequeno texto em que mantém a convicção na perspectiva civilizatória da cultura das letras. Acima disso, o poeta mineiro desenvolve duas idéias principais: a) questiona o silêncio do público e da imprensa no comentário às novas publicações; b) procura estabelecer metodologias coerentes para o estudo da literatura. Segundo Bernardo, a literatura seria para as gerações vindouras o fiel retrato da época passada. Por isso, assume como missão:

Alentar e promover pelos meios a nosso alcance a cultura das letras em nosso país, procurar vulgarizar o gosto literário por meio de uma crítica franca, imparcial, e sincera, constitui também uma das partes da tarefa que tomamos sobre nossos ombros, quando encetamos a carreira do jornalismo. (GUIMARÃES, 1859, p. 2).

A postura defendida por Bernardo Guimarães segue a esteira das discussões que envolvem a nacionalidade e a missão civilizatória das artes; segundo consta, o menor ou o maior grau de perfeição da literatura sintetizaria o desenvolvimento de um povo. Em seguida enumera o escritor os diversos preconceitos que a crítica enfrenta:

A crítica na verdade tem contra si terríveis preconceitos. Muitos a olham como a inimiga do

gênio, como latidos vãos da inveja e da mediocridade, que se esforça por sustar-lhe os vãos. Os poetas consideram uma profanação, que se ouse submeter ao escalpelo frio e severo da razão suas obras quentes de entusiasmo, palpitantes de inspiração! (GUIMARÃES, 1859, p. 2).

Contrariando aos divulgadores da expressão anti-crítica – *o belo sente-se e não se explica* – o poeta mineiro argumenta:

Como, se o sentimento, submetido à reflexão e ao estudo, não se pudesse transformar em uma idéia distinta e perfeitamente formulada [...] O belo sente-se antes que se possa explicar; os produtos da arte afetam primeiro a sensibilidade e a imaginação, antes que a reflexão deles se apodere e explique a razão porque agradam ou desagradam [...] Reduzido a estes termos o axioma de que falamos, longe de proscrever a crítica, antes a recomenda. (GUIMARÃES, 1859, p. 2).

Bernardo Guimarães termina o ensaio julgando ser a crítica um elemento indispensável para formar e dirigir o gosto literário; além disso, resume pressuposições que seguirá em toda sua carreira artística:

Com o intuito pois de fazer nascer algum interesse mais vivo pelo progresso de nossas letras, sufocadas sob a atmosfera pesada da indiferença, e quase consideradas pelo positivismo da época como a maior das futilidades da vida, começaremos a passar em revista os produtos mais notáveis da nossa literatura nacional contemporânea [...] levados somente pelo culto das letras, e pelo desejo de vê-las prosperar entre nós, aos nossos juízos presidirá sempre a mais completa imparcialidade [...] Não poderemos dar aos nossos trabalhos a harmonia de um todo sistemático, quer quanto à ordem cronológica, quer quanto a qualquer outro ponto de vista sob que possam ser considerados; e assim iremos analisando indistintamente poetas ou prosadores, filósofos e oradores, de mais ou menos recente época. (GUIMARÃES, 1859, p. 2).

O fragmento acima esclarece os princípios seguidos pela literatura de Bernardo Guimarães. O desejo de impulsionar a prosperidade das letras levou-o a compor uma obra irregular que criticava explicitamente (ou implicitamente) os modelos temáticos e ideológicos que julgasse prejudicial. Na sua crítica, a imparcial pretensão analítica estaria vinculada ao afastamento de um *protecionismo* ligado à cultura das letras, ou seja, o ensaísta julgaria uma obra independentemente do modismo europeu vigente e da relação interpessoal laudatória.

Assim, o crítico analisaria os textos (bons ou ruins) com o intuito de apontar os defeitos a serem evitados e os modelos a serem seguidos pelas futuras gerações. Nos anos seguintes, Bernardo Guimarães publicou em outros periódicos literários, ora um folhetim, ora um poema. Sua atividade crítica foi interrompida pelo retorno do poeta ao estado de Goiás, como juiz substituto. Nos textos analisados até o momento notamos em Bernardo Guimarães uma atitude contestadora, num posicionamento definido pela proximidade com aquele previsto pela ironia multifacetada em humor, sátira e *nonsense*. Tal comportamento teve, em alguns momentos, o intuito de questionar a veracidade das escolhas estilísticas dos autores analisados; em outros, o objetivo de contrapor perspectivas em prol da construção de uma literatura brasileira heterogênea. Essa postura estética foi responsável por uma carreira literária irregular defensora de uma descentralização política e geográfica do *saber* literário. Para isso, requer maior atenção para as manifestações literárias provincianas e, também, para a valorização da linguagem popular.

Já a crítica literária deveria cumprir um papel imparcial nos juízos de valor, esquecendo os tons apologéticos recorrentes no século XIX: a constituição de uma literatura genuinamente brasileira para Bernardo Guimarães deveria seguir peculiaridades locais que estariam em consonância com a métrica e com a linguagem empregada; assim, por exemplo, o índio romântico – Golçalviano – nunca poderia ser descrito com modelos puristas europeus, pois ocorreria um anacronismo inaceitável.

Atualmente, a valorização da obra de Bernardo Guimarães na estética romântica está concentrada no espaço da ironia e do humor. A minha hipótese é que uma reavaliação do conjunto da obra de Bernardo

Guimarães poderia apontar novas possibilidades de leitura de nosso romantismo brasileiro, especialmente, daquele ocorrido em Minas Gerais.

Nessa seqüência, podemos afirmar que a produção literária irregular de Bernardo Guimarães possui um fio condutor: uma espécie de postura estética irônica contida numa carreira artística diversificada, que tem por princípio a desmistificação de qualquer *verdade* unívoca, em prol de uma literatura heterogênea que atraísse o gosto médio – popular – e que suscitasse discussões da população acadêmica.

## Conclusão

Dentro das concepções românticas de liberdade artística, Bernardo Guimarães defendia um ajustamento do verso à idéia poética expressa; sendo assim, para o poeta ouro-pretano, eram muitos aqueles que possuíam sensibilidade poética, mas eram raros aqueles que tinham talento para exprimi-las. Nessa crença, escreve nas páginas do **A Atualidade** textos mordazes, cujo mérito foi defender uma análise *imparcial* do fenômeno literário. A imparcialidade, para o poeta mineiro, estava no afastamento dos tons apologéticos vigentes no período. Para realizar o intento, Bernardo Guimarães seguia uma gradação metodológica: o primeiro passo analítico era a conceituação da obra analisada; o segundo buscava a historicidade do problema; depois vinha a análise mordaz, com apontamentos indicativos de descrição de escolhas ineficientes; por fim, apresentava certas condolências com o criticado.

Tudo isso levava Bernardo Guimarães a defender uma democratização do acesso ao saber artístico, com maior participação das províncias e uma linguagem literária próxima do português brasileiro:

Outra causa que retarda a época da emancipação de nosso espírito, é que inda as luzes das ciências e artes não se derramaram pelo império, e as que existem estão inteiramente concentradas na capital: as províncias participam mui francamente do reflexo dessa civilização; é lá onde todas as atenções convergem continuamente para a Europa, que se resume quase exclusivamente todo o nosso mundo literário, não sendo essa cidade mais que uma cidade européia encravada no território brasileiro: – por tanto só quando o luzeiro da civilização difundir suas luzes pelas províncias, e desenvolver-se – aclimatada – igualmente por toda a extensão do império, o espírito nacional se despertará, e comunicará sua seiva às suas produções, e o caráter nacional refletir-se-á mais saliente na nossa literatura. (GUIMARÃES, 2006, p. 161).

A estagnação da literatura nacional – pela demasiada influência francesa trazida por Gonçalves de Magalhães – poderia ser sanada por duas fontes de inspiração para a poesia e a prosa: o nosso passado, as tradições provincianas, e o nosso presente, a contemporaneidade romântica.

Assim, a poesia estaria na voz do povo e teria uma função civilizatória de popularização dos saberes, contrariando a voz austera da filosofia cética européia não agradável aos ouvidos populares. A narrativa, para Bernardo Guimarães, deveria seguir as trilhas dos romances de costumes, deveria ser então fonte – cultural, lingüística, comportamental – para as gerações vindouras.

Contudo, acreditava o nosso autor que a linguagem literária deveria adequar-se à expressão regional; dessa maneira, criticou Gonçalves Dias nos **Timbiras**, justamente por ter empregado o alexandrino e a linguagem quinhentista portuguesa; acreditava Bernardo Guimarães que esse emprego era anacrônico, porque vestia os silvícolas americanos com armaduras antigas européias.

Se a arte escrita seguisse os pressupostos descritos acima, teríamos uma literatura nacional diversa em temas e estilos. Bernardo Guimarães acreditava, portanto, na heterogeneidade da literatura brasileira como requisito peculiar para a sua existência. Talvez por isso tenha cantado as lendas do litoral santista em **A ilha maldita**, as crenças místicas do povo, em **Ermitão de muquém**; as tradições populares na **História e tradições da província de Minas**; e tenha ridicularizado o romantismo forjado em gabinete, no **Elixir do pajé**. O poeta ouro-pretano foi fiel em toda sua produção literária a uma diversidade constitutiva:

Provavelmente ela [a literatura] não será uniforme, e apresentará tantas variações quanta é a diversidade de nosso clima e solo: o caráter dos povos das campinas abertas do Sul divergirá essencialmente dos habitantes das nimbosas e auríferas serranias de Minas, e dos filhos das gigantescas e majestosas florestas do Pará. (GUIMARÃES, 2006, p. 161).

Portanto, retornando ao início deste texto, esperamos ter conseguido apresentar, sucintamente, as linhas gerais de uma parcela dos ensaios de Bernardo Guimarães (1825-1884) publicados no jornal **Atualidade (1859-1864)** do Rio de Janeiro.

O segundo ponto proposto foi destacar um viés de leitura a ser desenvolvido futuramente; neste instante, o que se pode dizer é que devemos explorar um viés de leitura em que a tradição literária da língua esteja par a par com as questões discutidas nos textos de Bernardo Guimarães: conceitos, questões, polêmicas, etc. A obra de Bernardo Guimarães parece possuir como horizonte de diálogo uma tradição crítica luso-brasileira, e não somente a consciência (ou o fardo?) de ser protagonista de um sertanismo estilisticamente fraco. Talvez, o fragmento de Franchetti resuma a nossa intenção:

[...] Seria o acaso de desenvolver e investigar a hipótese de que *A Confederação dos Tamoios* e *Colombo*, junto com as traduções de Odorico, a obra de Sousândrade e os poemas medievalistas de Gonçalves Dias (mas não só eles), configuram uma vertente cultural importante não apenas no romantismo, como também no Parnasianismo e no período imediatamente anterior ao Modernismo. Uma vertente que talvez só agora possa ser encarada de modo compreensivo, com a queda da hegemonia do padrão de gosto modernista e com o conseqüente esbatimento do vetor teleológico da descrição histórica elaborada em meados do século XX, que apagou ou condenou, como monstruosidade ou apanhado de tolices, tudo aquilo que se afastava da linha ideal de progresso em direção à coloquialidade expressiva posta a serviço da investigação ou do retrato da vida social. (FRANCHETTI, 2007, p. 54).

Por fim, a hipótese de Waltensir Dutra e Fausto Cunha, como já dissemos, é parcialmente verdadeira. Ela se encaixaria para descrever uma parcela da produção romanesca de Bernardo Guimarães; principalmente, os romances mais conhecidos e pouco valorizados pela crítica. Quanto ao restante da produção, por exemplo, a crítica e a poesia, a hipótese se desfaz pela proeminência do autor em valorizar uma heterogeneidade constitutiva da escrita literária, o que afastaria qualquer tentativa de uniformidade conceitual ou qualquer visão generalizante de teor apriorístico.

## Referências bibliográficas

- BOECHAT, Maria Cecília. Uma notícia sobre a crítica de Bernardo Guimarães. In: CAMBRAIA, César Nardelli; MIRANDA, José Américo. *Crítica Textual: Reflexões e práticas*, Belo Horizonte, FALÉ, 2004, pp. 143-149.
- CANDIDO, Antonio. *O romantismo no Brasil*, São Paulo, Humanitas, 2002.
- CUNHA, Fausto; DUTRA, Waltensir, *Biografia crítica das letras mineiras: esboço de uma história da literatura em Minas Gerais*, Rio de Janeiro, INL, 1956.
- FRANCHETTI, Paulo. *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2007.
- GUIMARÃES, Bernardo. In: *A ATUALIDADE*, Rio de Janeiro, 1859-1864, Arquivo particular. (microfilmes da Fundação Biblioteca Nacional).
- GUIMARÃES, Bernardo. Reflexões sobre a poesia brasileira. In: GARMES, Hélder. *O Romantismo Paulista. Os ensaios literários e o periodismo acadêmico em São Paulo de 1833 a 1860*, São Paulo, Ed. Alameda, 2006, p. 149-157.
- GUIMARÃES, Bernardo. *Poesias Completas*, Rio de Janeiro, INL, 1959.
- MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, Rio de Janeiro, EdUERJ, 2001.
- MAGALHÃES, Basílio de. *Bernardo Guimarães*, Rio de Janeiro, Anuário do Brasil, 1926.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. *O Império da Eloquência*, Rio de Janeiro, EdUERJ, 1999.
- FILHO GUIMARAENS, Alphonsus de. Bernardo Guimarães, Sertanista e Indianista. In: GUIMARÃES, Bernardo. *História e Tradições da Província de Minas Gerais*, Brasília, INL, 1976.

